

C.M.B.
BibliotecaC. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

O MUNDO CIENTÍFICO DA LÃ

Em estreita colaboração com «Lanifícios» começamos hoje a publicar alguns dos seus artigos de interesse para os nossos leitores.

Introdução

Na nossa ronda dos institutos, laboratórios e escolas onde se procede à investigação da lã e da tecnologia dos lanifícios, apresentamos agora aos leitores os Laboratórios de Investigação Têxtil da Lã na Austrália.

Primórdios do Merino australiano

Até ao fim do século XVIII, a Europa foi o grande produtor de lã do mundo. A Es-

panha orgulhava-se dos seus rebanhos de raça Merino que guardava ciosamente, e cuja lã exportava para o resto da Europa, mas sobretudo para a Inglaterra. As Guerras Napoleónicas levaram ao destroço dos rebanhos espanhóis em consequência das grandes mananças que se fizeram para a alimentação dos soldados e marcam, pois, o declínio da Espanha como grande exportadora de lã Merino. Pode dizer-se que a dizimação dos rebanhos Merino espanhóis propiciou o desenvolvimento da Austrália como grande produtora de lã.

Os primeiros ovinos a chegar à Austrália foram trazidos em 1788 pelo Governador Philip, o primeiro Governador

(Continua na página 8)

Prof. José Leite de Vasconcelos

(LIGEIOS APONTAMENTOS)

A figura de Leite de Vasconcelos, no campo da filologia, da arqueologia, da etnografia, da numismática e da epigrafia, ficará marcada ao longo da linha histórica do seu muito e probo labor bem verificável nos trabalhos que legou e nos ensinamentos que difundiu.

Com um poder de trabalho excepcional, poderemos considerar este homem «o tipo de verdadeiro filólogo na acepção mais nobre e originária: não o simples cultor de estudos gramaticais e linguísticos; mas o sábio de tendências e aptidões enciclopédicas que alarga o campo da investigação a todas as manifestações da actividade humana no espaço e no tempo, o que lhe proporciona o conhecimento mais seguro do homem no seu destino social e individual. Pela extensão do seu multimodo saber, pertence à estirpe dos humanistas do Renascimento, à categoria dos filólogos».

Este homem nascido no coração de Portugal: — a Beira, não podia deixar de sentir com toda a energia do seu talento e com toda a influência do clima, a paixão pela poesia.

São dele estes versos:

«Eu nasci nas agrestes serrantias
Da nevoenta legendária Beira,
Lá onde o lobo a uivar consome os dias
E cresce e brilha a rubra flor da urgueira».

Foi médico municipal, Conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa, professor de liceu em Lisboa, professor de Numismática,

O Sonho do Infante

Aqui, neste rochedo... bem meu inspirador,
Escuto a voz do mar num sonho aliciente,
Pois vive no meu peito a ânsia bem gritante
D'erguer as nossas quinas em terra d'esplendor.

As ondas requebrando em rendas de esp'rança
Desfazem os mistérios... e o mar será certeza
Nas naus que riscarão, em sonho de beleza,
A difundir a fé num mundo que se alcança.

Portugal será grande... Imenso, eu bem pressinto
Nas lendas e cantares, bem tudo que conheço,
Só o longe e o distante é sol que desconheço,
Mas fé que me inunda de luz que sempre sinto.

Naus riscarão o mar, num impulso veloz,
E a nossa fé em Cristo, que é grande, sem igual,
Levará os poetas de têmpera imortal
A ensinar ao gentio nossa crença e nossa voz.

António Baptista

Barcelos — Novembro/1958

Os Pensamentos do Mês

○ mal tem asas, e o bem anda a passo de tartaruga.

VOLTAIRE

Há o bem e o mal; o primeiro depende de nós; nós dependemos do segundo.

E. WERTHEIMER

○ homem sagaz viu o mal e furtou-se a ele; o imprudente continuou seguindo e sofreu-lhe o dano.

SALOMÃO

○ primeiro passo para o bem é não fazer o mal.

ROUSSEAU

Odeio tanto o mal, que odeio mesmo o proveito que dele se tire.

HENRIQUE IV, de França

O Traje Minhoto

(Continuação do número 63)

O Traje de Perre

PODE considerar-se variante do de sua vizinha Santa Marta de Portuzelo. Todavia não deixa de possuir individualidade. É o mais negro dos vestuários encarnados do Concelho de Viana do Castelo, quer dizer: é o traje vermelho em que mais se emprega o preto. Na saia bem característica, de forro preto sem silva, há a alterar com listões vermelhos, grandes listões pretos, sendo eliminado o branco, ou aparecendo este tão reduzidamente que para assim dizer não influi na impressão vermelho negro que a saia nos dá.

A habilidade da tecedeira sabe tirar à saia o monótono que resultaria se os listões vermelhos e negros se alterassem regularmente. Assim por exemplo pelo meio do amplo listão preto, faz passar uma lista vermelha tripartida por duas listazinhas pretas e pelo meio do listão vermelho uma estreita lista preta, que de quando em quando biparte com um filete branco... A largura da lista e listões e o seu arranjo variam ao capricho da tecedeira, mas o que nunca sucede é deixar de haver, como base de desenho a largura notável das listas pretas a carregar, harmoniosamente, o aspecto da saia.

Os coletes são alindados por guarnições de seda enquanto os de Santa Marta e Meadela são bordados a lã ou a seda e a missanga. Um colete:—de baeta vermelha, com cinta de veludo

preto; guarnições brancas, azuis, rosas e amareladas; algumas lentejoulas. Usavam-se, antes de estes, coletes claros de cetim com desenhos flóricos e cinta preta.

A *camisa* é bordada a azul esplêndidamente, nas ombreiras, no colarete e nos punhos. Estes são bordados muitas vezes, de modo que o ornato fique patente, estando eles não cingidos ao pulso, mas dobrados para trás, sem abotoar, como abertos em leque. Os aventais são imitantes aos de Santa Marta de Portuzelo, se bem que me incline mais para o contrário.

O traje de Afife

Dos trajes à "Lavradeira" do concelho de Viana do Castelo, o de Afife (aldeia a doze quilómetros para Noroeste da cidade à beira-mar) é talvez o mais simples.

A *saia*:—é tecida em lã, sendo de algodão a urdidura, não tem basta (serve para abalonar a saia).

As cores dispõem-se às linhas verticais, pela seguinte forma: largos listões vermelhos que têm um fio preto longitudinal ao meio, alternam com listões pretos muito menos largos e que têm, a correr também pelo meio, uma estreita lista branca. No cós — "ementa" na linguagem do povo — a saia é franzida em pregas muito pretas, nelas surdindo, às riscas agora, as cores referidas.

O "forro"—a barra que

guarnece em baixo e exteriormente a saia—é azul marinho. Períodos há em que, por moda, é preto. É na verdade, uma saia de bellissimo efeito. O colete tem uma cinta de barra alta preta e é de cor vermelha para cima—enfeitado sôbriamente a lãs de cores, missanga, vidrilhos, lentejoulas, consoante a vontade e o critério de cada qual.

Também é predominantemente vermelho o avental com listas pretas sem "ementa"—muitíssimo simples.

Os *aventais*:—nem sempre têm em Afife, esta simplicidade—que é a mais própria do traje local. Assim por exemplo às vezes as listas verticais, af pelo meio do avental, são cortadas por outras transversais que vão de ordinário até abaixo; estas listas atravessadas ficam no entanto indistintas, mascaradas por "Topes" das lãs de modo que a metade inferior do avental oferece a aparência de um curioso tapete—aparência vária, ao gosto da tecedeira, mas sempre de composição lindamente singela e harmónica.

As *algibeiras*:—não têm o luxo ornamental das do traje "à Vianesa" nas aldeias interiores do concelho. Uns bordados simples a lãs coloridas e uma fita de cor encanudada na orla. Em regra é isto apenas.

O *lenço da cabeça*:—no geral, é "cor-de-canário" e o lenço do peito é "cor-de-laranja", tanto um como o outro com franjas da respectiva cor e com barra de ramagens floridas. Nestas ramagens domina o encarnado e, secundariamente, o verde.

As *meias*:—contra o usual nos mais vestuários do concelho, são lisas, sem abertos.

As *chinelas*:—nunca têm bordados.

A *camisa*:—também não ostenta bordados nos punhos e nos ombros. As raparigas arregaçam as mangas um quase nada e com negligência graciosa.

Trajes de Trabalho de Afife (Monte)

Saia:—a parte superior é vermelha com listas brancas e pretas e o "forro" é aos quadrados pretos e brancos, de riscado.

Avental:—de listas verticais azuis até meio do avental; fundo vermelho; é cortado transversalmente por uma fila vermelha saliente, tecida no próprio avental.

Casaca:—de lã grossa cinzenta.

Lenço amarelo:—com ramagens vermelhas, ao pescoço, metido por dentro da casaca.

Lenço da cabeça:—vermelho; e chapéu de palha de abas largas.

Botas de cabedal:—grosso até aos joelhos.

Luvras de lã grossa, e foice.

Traje de Trabalho de Afife (de ir à erva)

Saia:—"avergastada" de fundo branco; forro de fundo branco com riscas pretas cruzadas, como o de ir ao monte.

Avental e Lenços iguais ao de "ir ao monte", mas em vez de ter casaca de lã, usa uma blusa simples, e o lenço cruzado à frente no peito e apertado atrás. Na cabeça o lenço é atado atrás depois de cruzado no queixo, quase tapando a cara toda por causa de protegê-la do sol e com um chapéu de palha de abas largas por cima do lenço.

Botas:—usa-as grossas até ao joelho como as do traje de "ir ao monte".

Entre Afife e Viana do Castelo ficam as aldeias de Carreço e Areosa. São as três aldeias do concelho de Viana do Castelo que ficam à beira mar.

Em Carreço, perto de Afife, o traje é idêntico ao desta aldeia. As discordâncias são poucas e secundárias.

O lenço da cabeça é de campo vermelho, assim como o do peito. O "forro" da saia é preto, igualmente sem silva. O avental não tem a singeleza de o característico de Afife, apresentando ornatos em disposição geralmente quadriculado—o que também se dá em Afife. Aparecem meias "bordadas"—e camisas bordadas a azul nas ombreiras. As diferenças são tão poucas entre estes dois trajes que se podem classificar do mesmo grupo.

Traje da Areosa

O traje da Areosa é o mais vermelho e o mais "à Vianesa" dos trajes "à Vianesa". É o fato mais conservado, que menos tem evoluído.

A *Saia*:—cujo forro é vermelho pode considerar-se formada por listões vermelhos, que ou são separados por filetes verticais pretos, tendo cada um desses listões, pelo meio, outro filete preto ou filetes pretos alternados com brancos; ou são separados por listas brancas bipartidas por uma listazinha preta. Outras vezes aparecem listas com "topes" ou "moscas" amarelas, verdes e até azuis. No forro usam "silvas" bordadas geralmente a lãs de cores e missangas, e embora não seja usual, também aparecem saias que além da "silva" na margem superior do "forro" tem outro na margem inferior.

Os *aventais*:—apresentam ornatos diversos—não tendo porém a riqueza florida dos das freguesias interiores do concelho. A "Tira"—chama-se tira o ementa (à beira-mar), à faixa pregueada no cimo do avental e saia—é bordada, ostentando frequentemente palavras ternas—"amor", "amizade"...

Colete vermelho:—com "cinta" preta, ou cor de vinho, rosa,

organizador do Museu Etnológico Português, criador, fomentador e principal colaborador de «Arqueólogo Português» e da «Revista Lusitana», hoje considerada uma preciosidade bibliográfica.

A sua ânsia de ver e viver os objectos, estudando-os, catalogando-os, fez dele um investigador de nome internacional, que hoje se respeita e consulta.

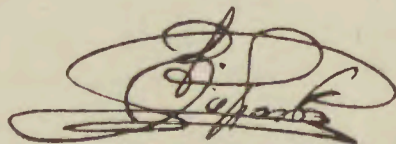
Falar de Leite de Vasconcelos, em toda a extensão, teríamos de o considerar nas suas múltiplas facetas e, tantas são. Teríamos de falar dele como *literato*, depois como *professor*, seguidamente como *investigador* e, neste aspecto, teríamos de o subdividir como *numismata*, como *epigrafista*, como *arqueólogo*, como *etnógrafo*, como *filólogo* e como *crítico*. Neste último aspecto teríamos de o ver como crítico honesto e sensato, sobretudo e principalmente porque era bem intencionado.

E depois de tudo isto, teríamos de falar do mestre como *organizador*, como *patriota*.

Se a oportunidade não nos faltar e a força de ânimo não nos entorpecer, voltaremos a falar deste homem, cujo nome imperecível ultrapassou fronteiras.

Nunca receou o mundo, porque não receava a morte.

« Quando na vida só se tem por norte,
Honra e virtude, únicos bens terrenos,
Encara-se sem medo a própria morte
E a pedra do sepulcro pesa menos ».



O Sonho do Infante

Excerto da peça infantil « O SONHO DO INFANTE »

Por *Maria Lúcia de A. M. Baptista*

PARTIDA PARA A ÍNDIA

Aproximam-se da capelinha do Restelo os marujos que nela entram, ouvindo-se cânticos religiosos.

Saem depois e dirigem-se para o local do embarque enquanto o povo comenta de vários modos esta nova arrojada aventura.

Uma mulher do povo

Que o Senhor ouça as nossas preces e que nos dê a ventura de um dia virmos a esta mesma praia receber com alegrias os que agora se partem com lágrimas.

Um velho marinheiro

Pena é que tanto me pesem os anos!... doutro modo eu seria também um dos que, confiadamente, iria nestas belas naus, rumo às Índias, certo de as alcançar porque, para nós, portugueses, já não há segredos no mar Atlântico.

Um velho cavaleiro

Bem merecia o nosso rei D. João, que Deus haja, assistir a esta largada, pois foi ele e o Senhor Infante quem com mais fé e entusiasmo viveram as horas de angústias e de incertezas destas arriscadas viagens!

Outro velho do povo

Deus não quis que eles deste mundo levassem essa alegria, mas as suas almas velarão ansiosas a par dos perigos e triunfos desta jornada...

Uma mulher velhinha

Não verei, certamente, mais o meu filho, mas que possam as dores que me apertam o coração, transformar-se em glória e riquezas para o reino.

Senhora fidalga

Se à Índia chegarmos não se levantem, um dia, só, estátuas e templos, aos heróis; inclinem-se as gerações vindouras ante as dores imensas que as mulheres de Portugal sofreram. Partiram os nossos filhos, os nossos maridos, e quantos deles, para lá ficarem, entre as águas infinitas dum mar desconhecido...

Outra mulher, fidalga

Seremos senhores dos mares, mas alguém dirá, depois de contemplar tanto sofrimento...

Ó MAR SALGADO

QUANTO DO TEU SAL

SÃO LÁGRIMAS DE PORTUGAL.

azul, etc. e bordado a lãs, misangas e lentejoulas.

Lenços de cabeça: — como também o do peito são de campo vermelho.

A camisa — com bordados a branco nas ombreiras, posto que apareçam também camisas com bordados a azul.

Chinelas: — sem bordados e meias bordadas.

E com o traje da Areosa acabo a descrição dos trajes da região de Viana do Castelo. Não me refiro ao dos Sargaceiros de Afife, por tencionar falar neles na altura em que tratar dos da Apúlia.

(Continua)

Mã

O velho do Restelo

Ó GLÓRIA DE MANDAR! Ó VÃ COBIÇA!
A QUE NOVOS DESASTRES DETERMINAS
DE LEVAR ESTES REINOS E ESTA GENTE?
QUE PERIGOS, QUE MORTES LHE DESTINAS?
QUE PROMESSAS DE REINOS E DE MINAS
D'OURO, QUE LHE FARÁS TÃO FÁCILMENTE?
QUE FAMAS LHE PROMETERÁS? QUE HISTÓRIAS?
QUE TRIUNFOS? QUE PALMAS? QUE VITÓRIAS?
.....

Ó MALDITO O PRIMEIRO QUE NO MUNDO
NAS ONDAS VELA PÓS EM SECO LENHO...

Outro homem

Calai-vos, por Deus, Senhor que de ânimo precisam os que partem e de esperança os que se ficam.

O velho marinheiro

Não há perigos que façam esmorecer este Portugal que se afez ao mar, nem haverá no mundo, um dia, águas onde se não mirem orgulhosas as nossas caravelas.

Outra mulher

Louvado seja Deus, que nos deu coragem para não encher de desalento esta hora triste da partida.

Já se foram todas. As velas enfunam-se e começam a deslizar as naus.

Muitas mulheres

Que Deus ouça agora as nossas orações e que a Senhora do Restelo os acompanhe!

Avé Maria....., (as mulheres de joelhos e de mãos erguidas balbuciam a Avé Maria, enquanto o pano desce).

Chegada da Índia

O rei e toda a corte dirigem-se para o cais onde se aglomera o povo e a fidalguia do reino.

1.º FIDALGO

Todos verão agora que as novas trazidas por Nicolau Coelho há mais de um mês, eram verdadeiras, embora eu sinta que muitos as não têm ainda por certas.

2.º FIDALGO

O S. Gabriel não vem engalanado, porque Vasco da Gama que venceu os mares desconhecidos, as tempestades e os inimigos traiçoeiros, não venceu ainda a dor de não trazer a seu lado, o grande amigo Paulo da Gama, seu querido irmão.

1.º FIDALGO

A cidade e o reino irão viver dias de regosijo tal, que os corações enlutados terão de chorar a sós, as suas mágoas.

2.º FIDALGO

Tantos homens se perderam, mas tanta honra se alcançou, e os portugueses deram « mundos novos ao mundo ».

UM FRADE

Os navegantes levantaram padrões nessas terras imensas, agora, nós, os missionários teremos de erguer a Cruz.

1.º FIDALGO

El-rei ordenou que em todas as cidades e vilas se celebrassem missas em acção de graças. Por todo o reino, os sinos em repiques festivos têm anunciado a boa-nova.

Vasco da Gama está junto de El-rei, escutemos o que diz.

(Continua na página 6)

Discurso proferido pelo Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social

(Continuação do número anterior)

A empresa ou se converte numa comunidade, em que o trabalhador encontre protecção e ambiente sadio, receba remuneração condigna e seja tratado também como colaborador e não apenas como subordinado, ou tenderá a constituir fonte de inquietação e centro de subversão e de revolta. Muitos patrões portugueses têm de renovar profundamente a sua mentalidade, se quiserem merecer da Providência o direito de sobreviver como dirigentes.

Mas os operários têm também de respeitar inteiramente os seus deveres de homens e de colaboradores da empresa. Mais uma vez lhes recomendo que resistam e lutem contra os agitadores profissionais e contra quantos se movem pelos baixos sentimentos do ódio e da inveja. Nunca, como nos últimos tempos, foram as classes trabalhadoras incitadas à indisciplina. Até alguns patrões intervieram nesse movimento demagógico, mas todos nós sabemos que foram precisamente os menos zelosos no cumprimento das suas obrigações sociais quem deu tão lamentável exemplo.

Verberamos este procedimento inadmissível, mas prestamos também homenagem aos empresários e aos trabalhadores que revelaram perfeita consciência dos seus deveres — e foram, graças a Deus, por toda a parte, a quase totalidade. A todos dirijo o mais veemente apelo para que contínuem firmes na sua devoção patriótica e procurem compreender, sentir e dar efectivação aos princípios do Estatuto do Trabalho Nacional para que haja mais pão e mais felicidade nos lares dos portugueses.

VII

A virtude da prudência e a política

POR aqui deveriam ficar as minhas palavras se não fosse de aproveitar o ensejo para breves apontamentos, que reputo oportunos no momento em que o próprio escol, por vezes, mais parece cativo da força do número ou da pressão das massas do que autêntico mentor e orientador da opinião pública.

Por mais esclarecidos e esforçados que sejam, não poderão nunca os governantes realizar tudo o que desejarão. Quantas vezes não é preferível desistir de certos programas para não comprometer, afinal, todo o conjunto dos planos exequíveis!

Em política, importa ter a noção exacta do que é ou não é possível fazer-se. Esta verdade anda, contudo, muito esquecida. Há mesmo pessoas com especiais responsabilidades que inteiramente abstraem das limitações e con-

tingências inerentes à acção política.

Também nós não nos conformamos com a injustiça, nem com a imoralidade. Mas nenhum Estado nem qualquer outra organização social podem orgulhar-se de ter atingido todas as suas finalidades, como a Igreja, a despeito do seu fecundíssimo magistério de quase dois mil anos, não conseguiu ainda a conversão de todos os homens.

O Sumo Pontífice advertiu que não é pela violência ou pela revolução que se realiza o autêntico progresso social. Pois parece que lá fora — e não sei se já entre nós — há quem pretenda subordinar a evangelização à revolução, convencido de que a cristianização ou recristianização das classes operárias bem pode assentar na destruição, a todo o preço, das estruturas tradicionais. Outros há tão distantes das realidades que, se vissem os seus métodos aplicados entre nós, assistiriam a uma catástrofe que, afectando seriamente a vida e o futuro do País, sacrificaria também a liberdade religiosa e traria à consciência cristã dos portugueses os mais criminosos agravos.

Somos pelo progresso, mas não pelos progressivismos. Somos pela justiça, mas não pelos justicialismos. Somos contra os privilégios, individuais ou de classes, e, por isso, se alinhámos contra a plutocracia e as suas influências, também repudiamos a supremacia de quaisquer agrupamentos sociais. Somos pela hierarquia dos valores e pela hierarquia na sociedade, embora postulemos a igualdade perante a lei e o acesso de todos aos bens da civiliza-

ção. Mas vou receando mais a demissão do escol que o desvario das multidões.

De resto, quando falamos na necessidade de mais perfeita repartição de riqueza, quando defendemos a iniciativa privada ou quando nos batemos pela organização corporativa das actividades nacionais, bem sabemos que tudo será inútil se as técnicas de actualização não respeitarem a lei moral ou se mendigarmos, ou aceitarmos, o apoio comprometedor ou o aplauso insincero dos inimigos do ordenamento social que preconizamos.

As reformas de estrutura — e algumas estamos a realizar — podem, é certo, favorecer consideravelmente a observância das normas morais.

Não sejamos, porém, ingénuos ao ponto de admitir que mesmo as reformas imbuídas do melhor espírito assegurem, só por si, a dignificação da vida. E corrente dizer-se que sem a reforma do homem não haverá paz. Eis uma verdade essencial. Daí, que cada um não deva abandonar o campo de apostolização que se lhe oferece, mais ou menos vasto consoante as suas responsabilidades funcionais ou pessoais.

É preciso rever, reformar e progredir? Quem o nega? Mas o que se não afigura razoável é destruir por destruir, ou destruir por não se terem usado os métodos mais apropriados ou até por se haver saído da nossa esfera de acção.

Ensinar, doutrinar e criticar é dever de consciência. O exercício de tão delicada e nobre missão exige, porém, que se não ex-

citem paixões nem se fomente a confusão ou a intranquilidade.

Estudar os problemas e dizer como podem ser resolvidos, só é para louvar. Mas ofender as pessoas e até ferir, ainda que inadvertidamente, a autoridade legítima, à que não pode merecer concordância. Razão tinha um grande bispo, quando dizia que nem a inteligência e a virtude juntas podem suprir, na prática, a falta de senso.

Quando, há dias, reflectia sobre estas verdades, caiu sobre a minha mesa de trabalho um incisivo editorial de um pensador católico francês em que se aponta, como grave erro, a subestimação ou ignorância da «virtude natural e cristã da prudência» na acção política e social. Ora, esta virtude constitui, felizmente para todos nós, um dos traços fundamentais da personalidade do Senhor Presidente do Conselho. E nunca afirmações suas de sentido doutrinário ou político foram apoiadas por aqueles que do ateísmo fazem a religião da sua vida e a bandeira da sua luta. Será que todas as pessoas com responsabilidades podem orgulhar-se de ter merecido sempre a tenaz oposição do sector de onde partiu a promessa de acabar, em curto prazo, com o catolicismo em Portugal?

Sem a sabedoria do Senhor Presidente do Conselho — sabedoria toda feita de prudência, de justa medida das realidades e de fiel interpretação da boa doutrina — nós hoje não poderíamos estar aqui, nem o País gozaria de liberdade e de paz, nem os portugueses seriam respeitados na sua consciência religiosa, nem os outros povos poderiam aproveitar, como já começa a suceder, da nossa experiência política e social! Sejamos fiéis a este exemplo de equilíbrio, sensatez e rectidão, e teremos sabido, em hora de tanta desorientação, praticar também a preciosa e tão rara «virtude natural e cristã da prudência».

O resto, se nós o merecermos, virá por acréscimo.

Meus Senhores: a suprema magistratura da Nação encontra-se confiada, por inequívoca vontade dos portugueses, a um homem inteligente e bom, — e prudente — que exercerá as funções presidenciais com a dignidade e o patriotismo dos seus ilustres predecessores. Grande Ministro que foi e grande português que sempre tem sido, o novo e insigne Chefe do Estado bem merece que todos lhes testemunhem os nossos melhores protestos de respeito, lealdade e dedicação. Vamos cumprir este dever formulando um voto, que é uma certeza: que neste mandato presidencial o Regime atinja a sua mais perfeita expressão orgânica e social.

Os hospitais medievais portugueses

Um brevíssimo apontamento

OS hospitais medievais tinham uma característica interessante a salientar: «eram fundados por particulares».

A sua função, como obra de misericórdia, era a de «dar pousada aos peregrinos».

«A sua administração estava a cargo de albergueiros ou hospitaleiros ou de membros de confrarias, muitas delas de oficiais mecânicos ou de corporações de misteres. Nalgumas gafarias os próprios internados é que escolhiam o provedor».

Devemos informar que o nome de hospital ou de albergaria eram dados como significação comum.

Use só Malhas TEBE

Aniversários SONETO

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no corrente mês, os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — José Gonçalves e Manuel Acácio Fernandes.

DIA 3 — Henrique Adelino Gonçalves Dias.

DIA 5 — Maria da Silva Lopes, Rogério da Silva Pereira, Maria Lourdes Silva Gonçalves Costa e António Joaquim Pereira Alves.

DIA 6 — Manuel José Ramos Gonçalves e Maria Conceição Silva.

DIA 7 — Maria Cesaltina Santos Faria.

DIA 8 — António Fernandes Reis, José Maria Teixeira Miranda, Maria Carmo Santos Gomes, Maria Emília Dias Gonçalves, Maria Glória Simões Silva e Francisco Gomes Alves.

DIA 9 — Maria Helena Carvalho Miranda e Maria Carmo Arantes Miranda.

DIA 10 — Maria José Gomes Dantas e Emília Martins Loureiro.

DIA 11 — Maria Messias Rocha e Sá, Maria Cândida Rocha Costa, Maria Anjos Sousa Miranda e Teresa Pereira Duarte.

DIA 12 — Dolores Oliveira Rocha, Maria Conceição Vieira Alves, Maria Antonieta Oliveira Silva e Elvira Barbosa Gomes.

DIA 13 — António Joaquim Dantas.

DIA 15 — Sidónio Ferreira Silva.

DIA 16 — Maria Conceição Alvaro Silva, Maria Emília Arantes Carvalho e Carolina Miranda Mendes.

DIA 18 — Maria Helena Pimenta Baptista e José Henrique Silva Correia.

DIA 19 — José Pereira Quinta Gomes Costa e Ana Costa Pereira.

DIA 20 — Carlos Gonçalves Ramos.

DIA 22 — Assunção Coelho Peixoto e Carlos Pereira Vale.

DIA 23 — Maria Lourdes Pereira Rodrigues e Teresa Jesus Pereira Silva.

DIA 24 — Maria Glória Oliveira Lucas e José Costa Fernandes Machado.

DIA 26 — Maria Celeste Pereira Fernandes e Maria Manuela Faria.

DIA 27 — Maria Etelvina Ferreira Saraiva.

DIA 28 — Maria Jesus Pereira Fernandes e Glória Carmo Oliveira Martins Silva.

DIA 29 — Maria José Pereira Rodrigues, Maria Adelaide Silva Melo, Maria Mendes Martins e Maria Júlia Monteiro Barbosa.

DIA 30 — Maria Manuela Cardoso Ivars e Maria Prazeres Rodrigues Cruz.

A todos, os nossos parabéns.

As malhas **TEBE** entram em toda a parte, no Ministério, na Universidade, na Oficina, no Campo... Elas são a mensagem do bom gosto, distinção e comodidade... Por estes atributos o mundo do bom senso sabe preferi-las... As mulheres elegantes, distintas e inteligentes não querem outras...

T — Significa tempo e duração.

E — Esmerado acabamento.

B — Beleza inconfundível na harmonia do corte.

E — É a chave de ouro que fecha assim: estilizadas, quer dizer: Cada artigo tem o seu corte, cada corte a sua perfeição e cada perfeição é filha da moda mais recente, mais elegante, mais oportuna.

■ A elegância das mulheres distintas reside, indiscutivelmente, nas cintas **TEBE**, porque são práticas, cómodas, elegantes e laváveis.

■ As camisolas **TEBE** ultrapassam-se a si mesmo, tal a perfeição, a beleza e a grande duração... As camisolas **TEBE** vão com a amarela na corrida...

VISADO PELA CENSURA

*Acusam-me de mágoa e desalento,
como se toda a pena dos meus versos
não fosse carne vossa, homens dispersos,
— e a minha dor a tua, pensamento!*

*Hei-de cantar-vos a beleza um dia
quando a luz, que não nego, abrir o escuro
da noite que nos cerca como um muro
— e chegares a teus reinos, alegria!*

*Entretanto, deixai que me não cale:
até que o muro fenda, a treva estale,
seja a tristeza o vinho da vingança.*

*A minha voz de morte é a voz da luta:
se quem confia, a própria dor perscruta,
maior glória tem em ter esperança.*

CARLOS DE OLIVEIRA

As Louças de Barcelos

VIII

A Contabilidade do fabricante das Louças Grossas Vidradas

NO 4.º artigo, ao falarmos das Louças Comuns Vidradas (as nossas Louças Grossas) destacamos, como curiosidade, a sua pintura. Mas nestas louças, tudo é curioso e não foge à regra a sua escrituração. Os nossos ceramistas desconhecem a existência do Código Comercial e especialmente a determinação dos seus artigos 29.º-44.º inclusivos, no seu Título IV, mas têm a sua Contabilidade! O leitor para compreender tem de munir-se duma certa dose de paciência, muita mais que a do costume para me ler, e depois ir a uma fábrica pedir uma demonstração.

Estas louças fabricam-se em oito tamanhos, sucessivamente, a começar pelo mais pequeno: Quarteirão, Quatro-vinténs, Meio-quartilho, Meia canada, Meia e Cozinheiro. Nenhum destes nomes corresponde às medidas antigas, pois qualquer destes tamanhos é de maior capacidade que a medida que lhe deu o nome. Mas se o leitor for a uma fábrica pedir uma tabela de preços, dar-lhe-ão apenas três preços e neles estão contidos os oito lotes; dão-lhe o preço da « Meia », o preço da « Meia canada » e o preço do « Quartilho »; o preço é sempre por dúzia e as outras grandezas são reduzidas às três da forma seguinte:

O « Cozinheiro »	são 6 unidades para uma dúzia de « Meia »
O « Risco »	18 » » » » » » « Quartilho »
O « Meio quartilho »	24 » » » » » » » » » »
O « Quatro-Vinténs »	36 » » » » » » » » » »
O « Quarteirão »	72 » » » » » » » » » »

Ao desenformar já se dispõe a louça sob esta regra, uma dúzia do « Cozinheiro » são 6 peças; uma dúzia do « Quarteirão » são 72 peças, etc.. Fica assim a fornada dividida em três grupos que são o da Meia, juntamente com o Cozinheiro; o da Meia canada; e o de Quartilho, que reúne a si os quatro mais pequenos. Em qualquer destes grupos, cada « carreiro » conta-se por uma dúzia, quer ele tenha 6, 12, 18, 24, 36, ou 72 peças. Devemos esclarecer que um « carreiro » não é nem um condutor de carros, nem um caminho estreito, mas sim uma pilha de peças iguais, um grupo de louça sobreposta.

Agora que temos tudo devidamente lotado, já podemos escriturar o nosso « Diário de Vendas a Prazo », um prato que nesta fornada tenha saído defeituoso e que não sirva para venda. No fundo deste riscamos quatro paralelas que nos apresentam assim três espaços, onde escriturássemos, no primeiro espaço superior, o tamanho maior, a « Meia »; no espaço médio, a « Meia canada »; e no espaço inferior, o « Quartilho ». Para cada dez dúzias escrevemos um X da numeração romana; para cada dúzia, 1 da numeração; cada tracinho transversal unido a 1, representa uma unidade (1/12 da dúzia). De fábrica para fábrica há pequenas variantes, mas tudo anda à roda desta regra quase geral.

Este prato é guardado até à liquidação desta conta e o cliente quando vier liquidá-la não deixa de saborear um abundante jantar. Para estas louças de manifestações tão curiosas, não deixa de ser engraçado o pitoresco da sua Contabilidade.

m

O Sonho do Infante

(Continuação da página 3)

VASCO DA GAMA (ajoelha ante D. Manuel)

« Senhor, nesta hora são acabados os meus trabalhos e de todo satisfeito, pois Nosso Senhor me trouxe ante Vossa Alteza.

REI D. MANUEL

Vossa vinda seja mui boa! Eu tenho tanto prazer que ninguém o tem mor que eu.

E pois Deus vos deu vida até aqui, vo-la dará para de mim receberdes as mercês que merece vosso tão grande serviço como tendes feito.

No paço me contareis em mais recato e sossego como se passaram tão longos meses sobre as águas do mar ».

Todos acompanham o rei e Vasco da Gama, enquanto o povo canta e baila.

F I M

NATAL

É sempre num ambiente festivo, quente e carinhoso que se passa este dia, entre todos santificado pelo amor da família, pela fé e pela alegria cristã da vinda ao mundo do Deus Menino.

Os pobres corações humanos, cheios de amarguras e desilusões, reclinam-se ante a simplicidade enternecedora do presépio de Belém, onde, numa noite gelada de Dezembro, um Menino trouxe ao mundo a chama que viria abrasar as almas no fogo intenso do amor de Deus.

... Vieram os pastores pobrezinhos com suas humildes ofertas, vieram reis sábios e poderosos, com presentes magníficos, e todos se curvaram ante o Pequeno Senhor e lhe entregaram suas prendas e lhe renderam seu preito de menagem porque O reconheceram como Rei... Rei dos homens de boa vontade, Rei dos corações serenos, Rei das almas simples, Rei das consciências rectas, Rei dos homens de coração puro, Rei da gente que vive a cumprir o seu Dever, das gentes que aceitam resignadamente a sua Cruz e que, com lágrimas recolhidas, a levam ao seu Calvário, ora de pé e firmes, ora como Jesus, arrastando-se penosamente...

Há perto de 2.000 anos que começou vida santa Aquele, que iria morrer no Gólgota, porque ensinou aos homens que se amassem como irmãos, porque perdoou os pecadores arrependidos, porque escutou os infelizes e os consolou, porque apontou aos orgulhosos a humildade, aos ricos a pobreza, aos pecadores a virtude, aos déspotas a justiça, aos ímpios a fé, aos revoltados a esperança, aos falsos a Verdade...

Toda a ternura, toda a beleza, toda a alegria que os Anjos festejaram, com cânticos, e os homens escutaram de joelhos maravilhosos se transformou em lágrimas, em paixões desenfreadas, em insultos grosseiros, em tormentos do Martírio, naquela agonia da tarde da sexta-feira-Santa, enquanto, pelos Céus, ribombando o trovão e os relâmpagos, rasgavam as nuvens negras e medonhas...

Senhor! os homens continuam sem ouvir o cântico dos Anjos, eles preferem o ribombar do trovão porque este lhes abafa a voz da consciência. O mundo não quer Paz, nem Alegria, nem Felicidade porque estas bênçãos de Deus se encontram nos caminhos difíceis do dever, nos horizontes claros das consciências rectas, que se não vergam com o fardo das responsabilidades... Os homens de boa vontade, que ficaram após a tragédia do Gólgota, levantam os braços e clamam pelas multidões desatentas, mas, desiludidos, unem as mãos para Vós, Senhor, numa súplica!

O Deus-Menino, nessa linda noite dum Dezembro frio, sorria aos homens, mas Jesus chorou na Cruz por esses mesmos homens.

Natal, noite de alegria, noite de paz, noite de amor entre os homens que talvez por umas horas libertem o coração de egoísmos e a alma de ambições! Talvez sejam realmente bons porque comungam essa alegria calma, que agita os corações simples das crianças, que, alvoroçadas, sorriem para o Mundo que as espera... Quantos de nós nunca pensamos que vamos dar os nossos filhos aos caminhos que enlameamos, aos horizontes que fechamos e, que, com as palavras e as acções de cada dia, os impedimos de ambicionarem o Bem, de aspirarem a Beleza, de amarem a Justiça, de terem a robustez precisa para subirem as encostas íngremes, saltarem as ravinas e atingir os cumes donde se con-

Tradições populares de Barcelos

A. GOMES PEREIRA

CANCIONEIRO

I

A vila de Barcelos
É virada à estação:
As moças que nela moram
São a minha perdição.

II

Ó Barcelos, ó Barcelos,
Ó Barcelos, ó vadio:
Caíste da ponte abaixo,
Foste beber água ó rio.

III

Freguesia de Midões
De pequenina tem graça:
Tem um chafariz no meio,
Dá de beber a quem passa.

IV

Freguesia de Midões
Ao longe parece vila:
Tem um cravo na entrada,
Uma rosa na saída.

V

Midões vale um pataco,
Remelhe vale um vintém:
Alvelos mil cruzados
Por ter as moças que tem.

VI

Ó Igreja de S. Bento,
Feita de pedra morena:
Dentro dela ouvem missa
Dois olhos que me dão pena.

VII

Sete vezes fui ao Porto,
Passei à Ramada Alta:
Procurai quem diga bem,
Que quem diga mal não falta.

VIII

Tenho um amor em Braga,
Outro em Ponte do Lima:
Quando lhe quero falar,
Vou pelo rio acima.

IX

Dizeis que viva a Maia,
Não sei que graça lhe achais;
Terra de milho mofdo,
Alimento dos pardais.

X

Santa Marta da Falperra,
S. João do pé de Braga:
Que me dê boa fortuna,
S'eu tiver de ser casada.

XI

Terreiro de Santa Marta
No meio tem uma ponte:
Dá de beber a quem passa
Para o Bom Jesus do Monte.

XII

Santa Marta do alto
Para o ano lá hei-de ir:
Casadinho ou solteiro
Ou criado de servir.

XIII

Hei-de ir ao Senhor do Monte,
Ao Senhor do Monte hei-de ir:
Quem vai ao Senhor do Monte,
Vai ao céu e torna a vir.

XIV

Minha maçã vermelhinha,
Que me deu um caiador:
Há três anos que a tenho,
Ainda não perdeu a cor.

A TEBE por dentro

DOMINGOS DA COSTA ANDRADE

Partiu para Lisboa o trabalhador Domingos da Costa Andrade que, em missão de estudo, vai frequentar o 7.º Curso Geral de « Formação Social e Corporativa dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga ».

Desejamos-lhe uma boa viagem e um feliz regresso.

O Sonho do Infante

Esta peça foi feita, a pedido, para ser levada à cena no sarau infantil das escolas da Celestial Ordem Terceira da Trindade, da cidade do Porto.

As Senhoras de bom gosto usam malhas TEBE

templam os Céus... Que a noite de Natal seja um momento de meditação recolhida!...

A noite de Natal, tem tal beleza, tal encanto, tal grandeza, que os homens mais indiferentes não conseguem libertar-se da magia que dela se desprende. Todos se confessam presos duma alegria estranha que nos invade e que nos enche o coração, mas uma alegria serena que traz paz e confiança e não uma alegria ruidosa que agita e desorienta.

Noite fria de Natal! Cai neve na Natureza e há calor e sol nos corações!... Que a bênção deste Natal seja, para todos nós, a paz e o amor nas famílias, sacrários invioláveis onde se guardam as mais altas virtudes que hão-de comungar as gerações que despertam para a vida.

A noite de Natal em cada ano acorda toda a humanidade para lhe recordar a mensagem que trouxe ao Mundo o Menino Jesus: Glória a Deus, nas Alturas e Paz na terra aos homens de boa vontade.

Secção Desportiva

COLABORAR

No desporto, como em tudo, é essencialmente necessário colaborar. Colaborar é além de tudo construir, mas nunca com submissão da própria ideia. O indivíduo que aceita, sem contestação, a ideia alheia e interiormente a rebate, sem coragem suficiente para exteriorizar a sua não concordância, além de transigente é covarde, ou, unicamente, covarde. No primeiro caso—transigência—não há muito que culpar, porquanto a própria vida é assente nela, mas a cobardia é inadmissível.

No desporto, então, a colaboração inicia-se na altura, em que o atleta começa a contactar com os colegas e com o desporto em que se inicia.

Ora acontece que uma grande parte, não é suficientemente preparada para encarar os factos à luz do meio termo, e, ou passa a transigência servil ou, então, cria um espírito de rebeldia, a que agora querem chamar temperamental, mas nós inclinamo-nos mais, para uma péssima formação desportiva.

É esperançados em que, com boa vontade, fácil é modificar o actual panorama desportivo que dirigimos aos jovens em apelo oportuno: Rebatam ideias que se não coadunem com a vossa maneira de ver. Admitam a opinião alheia, confrontem e deixem que o vosso cérebro discerne e, se depois de tudo, se a dúvida subsistir, consultem quem julguem mais experiente e competente.

V. E.

A vida interna do

C. Desportivo da TEBE

O actual treinador do Vianense Sport Clube, fechou contrato com o nosso clube. Dentro das várias cláusulas, ficou assente de que além da preparação técnica das equipas séniores de quei em patins, iniciará uma escola de ginástica e equipas de infantis e júniores de quei em patins.

*

É já durante o mês de Dezembro que se iniciam os treinos,

começando pela preparação física, base essencial de um bom rendimento técnico.

*

Carlos Matos, Manuel Matos e Carlos G. Ramos, terão que prestar serviço militar. São baixas a considerar, que naturalmente hão-de criar problemas à nova direcção, a qual já está indigitada e que será apresentada, na próxima Assembleia Geral, aos sócios.

*

No interesse de coligir uma resenha histórica do nosso clube desportivo, começaremos no próximo número a publicar uma série de artigos.

Esperamos a melhor colaboração, de todas as pessoas ligadas ao clube desde a sua fundação. Certos dela, é que tomamos a liberdade de fazer este anúncio.

CONVITE

Convidam-se todos os sócios, que possuam filhos, com idade mínima de dez anos e máxima de quinze, a inscrevê-los no curso de preparação física, a iniciar brevemente.

A DIRECÇÃO

FUTEBOL

Está a chegar ao fim a primeira volta do Campeonato Nacional da II Divisão. O clube representativo da nossa terra, está colocado em posição delicada.

Acreditamos no valor da equipa e temos quase a certeza, que vencidos os múltiplos complexos, a equipa irá para o posto a que tem jus e que as tradições do Gil Vicente Futebol Clube exigem.

*

Cândido Arantes, o conhecido desportista barcelense, voltou à actividade futebolística. E de admirar e encorajar o seu procedimento, pois, capacitando-se da necessidade de um avançado, sacrificou a sua vida particular, bem como os outros desportos que praticava, esperando e crente em que do seu concurso beneficiará o Gil Vicente.



PIADAS COM BARBAS?... TALVEZ

Na leitaria:

— Este leite não tem micróbios?
— Ora essa... o padrão nisso é de consciência. Sempre que mistura água, ferve-a antes.

*

Numa loja qualquer.

O menino:

— Quero um colarinho branco para meu pai.
— Como este que tenho no pescoço? — disse o caixeiro.
— Não; um que não esteja tão sujo.

*

Um padre, muito avarento, guardou o seu dinheiro, em certo lugar da sacristia, e aí colocou este letreiro:

« Dominus est in ipso loc » (o senhor está neste lugar).
O sacristão, que era « esperto », levou-lhe o dinheiro, e deixou este outro letreiro:

« Ressurrit, non est pic » (Ressuscitou, já não está aqui!).

*

— Porque será que Joana se confessa tão a miúdo?
— Para não ficar calada. Quando não tem de quem falar mal, vai ao padre e fala de si mesma.

*

No céu:

— Então era você o meu anjo da guarda?
— Sim, meu filho.
— E onde estava uns trinta anos atrás, quando vi pela primeira vez minha mulher?

Plano de Formação Social e Corporativa

Comissão Distrital de Braga

Noticiário

Por despacho do Ministro das Corporações e Previdência Social, de 5 do corrente, foi equiparado a secundário o curso de Filosofia ministrado no Seminário Conciliar de Braga, pelo que, a frequência, com aproveitamento, do referido curso concede direito, até aos 18 anos de idade, ao abono de família.

*

Partem amanhã, segunda-feira, para Lisboa, onde vão frequentar, durante 20 dias, o 7.º curso geral de Formação Social e Corporativa, os seguintes 10 dirigentes e associados do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Bra-

ga: Adriano Fernandes Costeira e José Dias Pereira (Guimarães); Domingos Ferreira Coelho e Domingos da Costa Andrade (Barcelos); José Maria de Bastos e João Mende (Fafe); Tomás da Silva Precioso, António da Silva e Francisco da Silva Ferro Júnior (Braga); e Francisco Gonçalves (Vila Nova de Famalicão).

*

Estão em curso diligências e estudos para a criação da Casa do Povo de Moreira de Cónegos, no concelho de Guimarães.

Para este efeito o dr. Valentim de Almeida e Sousa, delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência no distrito de Braga, conferenciou com o Sr. Armindo Corais, industrial em Moreira de Cónegos.

As senhoras de bom gosto continuam a dar preferência às malhas TEBE

O MUNDO CIENTÍFICO DA LÃ

(Continuação da página 1)

dor da Nova Gales do Sul. Estes animais foram embarcados na Colónia do Cabo da Boa Esperança, na rota para a Austrália, mas não conseguiram sobreviver por muito tempo nas novas paragens, possivelmente por causa da má alimentação. O começo da criação de ovinos na Austrália filia-se nos esforços de dois pioneiros: o capitão John McArthur e o rev.^o Samuel Marsden.

McArthur e Marsden

McArthur tentou desenvolver uma raça adaptável às condições locais na sua quinta de Parramatta, em 1793. Recorreu para isso ao cruzamento de sementais de raças inglesas e irlandesa com ovelhas trazidas das Índias Orientais, não teve êxito nestas experiências. Em 1797, porém, conseguiu alguns animais de raça Merino, trazidas da África do Sul, onde a raça tinha sido introduzida pelos colonos holandeses com Merinos Escorial, oferecidos pela Coroa Espanhola ao Governo dos Países-Baixos. Estes animais adaptaram-se bem.

O principal objectivo das selecções feitas por McArthur era a obtenção de lã fina, de preferência a grande rendimento de carne. A selecção era orientada no sentido do apuramento da raça, pois McArthur verificou que, por esse meio, era possível obter lã mais fina. Em 1805, McArthur regressa de Inglaterra depois de um exílio de alguns anos e traz consigo, comprados do rebanho real em Kent, cinco carneiros e uma ovelha Merino Negretti, com os quais procede à melhoria e apuramento do seu pegunhal na Austrália. Mais tarde, McArthur transfere a sua estação de criação de Parramatta na costa, para «Canden Park» depois de ter verificado que a região costeira não favorecia a produção de lãs muito finas.

Lã de Botany Bay

Enquanto a técnica de criação de McArthur se baseava na manutenção da pureza da raça, como base da obtenção de lãs cada vez mais finas, os métodos de Marsden recorreram a variados cruzamentos. Marsden, ao contrário de McArthur, estava mais interessado na produção de carne do que na de lã.

Em 1804, Marsden possuía já um rebanho de 1.200 animais na região de «Botany

Bay». Este local recebeu a designação de «Botany Bay» do botânico Banks, que acompanhou o capitão Cook numa das suas expedições às terras austrais, em consequência da variedade de plantas e flores que nele cresciam.

A primeira lã fina enviada da quinta de Marsden em «Botany Bay» a Londres conseguiu a bom preço. Por longos anos, daí em diante, e mesmo ainda hoje, a lã fina australiana foi frequentemente conhecida por lã de «Botany» («Botany wool»).

A Austrália conquista o mercado de Londres

Apesar do cepticismo dos negociantes de lã ingleses quanto às possibilidades de produção de lã na Austrália, as lãs australianas foram-se impondo progressivamente no mercado de Londres, a ponto de o conquistarem completamente em 1827-1828. Em 1827 a lã australiana atinge em Londres o preço de 196 pence por libra, preço que havia de constituir um «record» até 1949.

Após vicissitudes de várias ordens, os esforços de McArthur haviam triunfado. A «Society of Arts» reconheceu-o já em 1822 quando o galardoou com duas medalhas, uma por ter conseguido uma produção de 70 mil quilos, outra pelo facto de a lã produzida ser de qualidade igual à das melhores lãs saxónias.

Em 1834, a Austrália exportava para Inglaterra cerca de 2 milhões de quilos de lã e tinha-se colocado já à frente da Espanha como produtora desta fibra.

Os squatters

Pode dizer-se que a história do desenvolvimento da criação de ovinos e produção de lã na Austrália é a história da colonização desta parte do mundo. Os estabelecimentos penais, os colonos e criadores de gado estabeleceram-se originalmente nas regiões costeiras do Leste e Sudeste, montanhosas e com maior abundância de chuvas. A penetração no interior e a extensão da criação de ovinos foi a princípio bastante difícil e deve-se aos esforços dos squatters, indivíduos que viviam isolados no interior com os seus rebanhos. Abriavam-se em pobríssimas cabanas feitas de ramas e cascas de árvores e só tomavam contacto com a região costeira e, portanto, com

Um bairro para famílias modestas

O problema habitacional de Barcelos, problema sempre gritante, vai melhorando à medida que os homens de boa vontade persistem nos seus sonhos.

O Dr. Mário Norton, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, vai edificar mais um bairro de casas em Barcelos.

As obras vão começar brevemente, pois os projectos, etc., já foram aprovados e participados superiormente. Os nossos melhores e mais sinceros parabéns.

Dr. Bento de Mendonça Cabral Pereira do Amaral

«Boletim Social da TEBE» envia o seu cartão de parabéns ao novo presidente da direcção de Fundação Nacional para Alegria no Trabalho,

a civilização uma vez por ano, quando traziam à costa a lã produzida, em carros de bois, e se forneciam de géneros para todo o ano.

Esta expansão para oeste dos squatters fez-se originalmente à margem das leis, pois o Governo de Londres não permitia o avanço para o interior com receio de que a rarefacção da população costeira determinasse o fracasso da colonização australiana. Esta espécie de bandeirantes não tardou, no entanto, a tornar-se uma classe poderosa que acabou por fazer reconhecer os seus direitos às terras ilegalmente ocupadas.

A corrida do ouro

Desde 1820 que se suspeitava que existia ouro na Austrália, mas o Governo da colónia, temendo a alteração da ordem e a falta de mão-de-obra, nunca encorajou a pesquisa do precioso metal. Esta veio, no entanto, a iniciar-se com grande afã, por volta de 1850, e provocou, de início, uma grave crise na exploração agrícola. Os pastores e trabalhadores de gado começaram a abandonar os casais pela aventura do ouro. À breve termo, lavrava o pânico entre os criadores de gado que, privados de braços, julgaram a produção da lã na Austrália à beira da ruína.

No entanto, a corrida do ouro na Austrália foi, no final, de consequências benéficas para a produção de lã:

1. A pesquisa do ouro melhorou as comunicações com o

Use Malhas TEBE

Dr. Bento de Mendonça Cabral Pereira do Amaral, que no dia 18 de Novembro foi empossado por Sua Excelência o Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social.

Mais um monumento em Barcelos

Consta-nos que o escultor António Carlos Esteves está a trabalhar num busto do comendador e grande benemérito barcelense, Paulo Felisberto.

Esse busto, encomendado pelo Provedor da Santa Casa da Misericórdia e patrocinado pela Edilidade barcelense será erguido em Barcelos como testemunho de gratidão por esse homem, que longe da sua terra querida não podia esquecer a. Barcelos saldará assim uma dívida de gratidão.

interior e facilitou a tarefa dos squatters.

2. A falta de mão-de-obra levou à racionalização da exploração agrícola. Grandes extensões de pastagens começaram a ser encerradas em sebes ou vedações de arame onde os rebanhos eram abandonados a si mesmos durante todo o ano. A montagem das vedações e a instalação da distribuição de água às cercas era bastante dispendiosa, o que favoreceu o estabelecimento de grandes fazendas. Os pastores foram substituídos por guardas a cavalo. Uma fazenda de 500 a 600 quilómetros quadrados com 50 a 100 mil ovinos não necessitava, porém, de mais do que uma dúzia de guardas. Este sistema de exploração é ainda hoje o predominante na Austrália.

3. O aumento de salários resultante da falta de mão-de-obra valorizou extraordinariamente os preços dos produtos alimentares. A breve trecho, a carne de borrego vendia-se pelo triplo do preço. A exploração ovina passa, pois, a fazer-se à base de dois produtos (lã e carne) em vez de um só (lã). Este aspecto da exploração ovelhum havia de consolidar-se no princípio deste século, com a exportação da carne de borrego em barcos frigoríficos.

4. O ouro fez desenvolver o transporte marítimo. Como, porém, o ouro ocupava pouco espaço nos barcos, o transporte da lã para a Europa veio a beneficiar consideravelmente e os preços dos fretes da lã desceram 75%.

(Continua no próximo número)